

REEDUCAÇÃO SEXUAL: percurso indispensável na formação do/a educador/a¹

Heloísa de Oliveira Kawata*

Karen Mayumi Nakaya**

Mary Neide Damico Figueiró***

Resumo

A grande maioria dos estudantes universitários chega à universidade sem ter tido oportunidades de olhar para dentro de si mesma e de repensar seus valores, suas atitudes e sua história de vida. O propósito essencial da pesquisa foi conhecer a história da Educação Sexual e a visão da sexualidade de estudantes universitárias do sexo feminino, com vistas a reavaliar um conjunto de exercícios de autorreflexão que já vem sendo utilizado durante o estágio de Psicologia Escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que usa como método de pesquisa a “história de vida”. A pesquisa, assim como o próprio conjunto de exercícios de autorreflexão, consta de duas etapas: na primeira, as alunas escrevem de forma sigilosa uma redação sobre “Como foi a sua Educação Sexual”; na segunda, respondem a um roteiro de 22 questões, dividido em três fases, que visa a favorecer o aprofundamento da reflexão. Participaram da pesquisa 34 alunas do curso de psicologia da UEL (Universidade Estadual de Londrina). A análise da redação e das questões do roteiro mostrou que, apesar de terem vivido sua adolescência na década de 1980, uma década marcada pela “liberdade sexual”, a visão da sexualidade, construída ao longo da história de vida das estudantes, é, em sua maior parte, marcada pela ausência de uma educação sexual positiva, tanto no lar, quanto na escola. Participar dos exercícios de autorreflexão sobre sexualidade, cumprindo suas várias etapas, tem sido apontado por todas as participantes da pesquisa como uma atividade razoavelmente difícil de cumprir, porém, muito significativa para a formação pessoal. Os resultados encontrados vêm comprovar o que já foi defendido por estudiosos, entre eles, Marcelo Bernardi e Isaura Guimarães, a respeito da necessidade de que as pessoas revejam seus valores, sentimentos e atitudes diante da sexualidade para que possam atuar de forma positiva e humanizadora na área da Educação Sexual. Esta necessidade de reeducar-se sexualmente é, certamente, ainda mais premente quando se trata de profissionais ligados à área da educação e da saúde, tais como Psicologia, Pedagogia, Enfermagem, Medicina, Serviço, entre outras.

Palavras-Chave: Educação sexual. Sexualidade. Formação de professores. História de vida.

¹ Este texto consiste em um relatório parcial dos resultados da pesquisa intitulada: “A visão de sexualidade e a história da Educação Sexual de universitárias nascidas na década de 80”, desenvolvida de 2004 a 2007, na Universidade Estadual de Londrina, com o apoio da FAEP/UDEL. *Nos primeiros parágrafos do texto, a coordenadora assume autoria exclusiva, porque fala na condição de professora das participantes da pesquisa. A partir daí, as três pesquisadoras trabalham em conjunto na tessitura do texto.*

* Graduanda de Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina e participante desta pesquisa na categoria: Programa de Iniciação Científica.

** Graduanda de Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina e participante desta pesquisa na categoria: Programa de Iniciação Científica.

*** Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista. Coordenadora desta pesquisa e docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: figueiro@onda.com.br

Introdução

Retorno

*Voltando em busca de mim
encontrei-me diferente
quase desconhecida.
(Porém a luz recolhida,
era minha alma de sempre).
Helena Kolody²*

Ao trabalhar com Educação Sexual, é sumamente importante nos voltarmos, primeiramente, para nós mesmos, por meio da autorreflexão, porque a sexualidade faz parte do que somos, impregna toda nossa vivência e está na base dos nossos relacionamentos, pensamentos e sentimentos. A grande maioria dos estudantes que entra na universidade chega sem ter tido oportunidades de olhar para dentro de si mesma e de repensar sua história de vida e, em especial, a história de sua Educação Sexual.

Há mais de uma década trabalhando com estudantes da quinta série do curso de Psicologia e tendo em vista que o Estágio de Psicologia Escolar é desenvolvido com o tema Educação Sexual, como coordenadora do estágio e também do projeto de pesquisa que deu origem a este texto, sempre tive o hábito de começar os primeiros encontros com as alunas (geralmente um grupo de oito a doze), pedindo para que falem sobre como foi a sua Educação Sexual desde crianças. Primeiramente, solicito que conversem duas a duas; depois, abro um grupo maior, e cada uma recoloca sua história. Certamente, disto advêm muitas conversas, lembranças, desabafos e identificação de pontos em comum na história de cada uma. Dois são os objetivos para os quais se volta esta atividade. Primeiro, e mais importante, oportunizar às alunas a autorreflexão; segundo, como professora, que eu possa conhecer um pouco de cada uma e, assim, facilitar a proximidade professora/alunas, já que para falar de sexualidade é preciso o estabelecimento de laços afetivos. Tem sido possível perceber que este exercício dá início a um vínculo afetivo também entre as alunas, que, por serem num total de oitenta por série, muitas vezes chegam à última série sem efetivamente se conhecer, ou mesmo sem um entrosamento satisfatório. Refiro-me a alunas, porque garotas inscrevem-se para estagiar em Educação Sexual mais que alunos do sexo masculino que cursam Psicologia na UEL.

O resultado positivo deste trabalho inicial tem ficado claro, e vem sendo apreendido,

² Poetisa paranense. 1912 – 1994.

não só pela boa participação e envolvimento das alunas, como pela própria avaliação oral que, espontaneamente, a maioria faz, e que recebe anuência de todas, sem exceção. Devido a isto, decidi explorar melhor esta forma inicial de incitar as estudantes ao contato com o tema da sexualidade e passei a fazer uma ampliação deste exercício de autorreflexão, que constitui o ponto central desta pesquisa. Em sua forma renovada, o exercício envolve duas atividades escritas: primeiro, uma redação sobre sua “história de vida” – a história de sua Educação Sexual; posteriormente, respostas a um conjunto de perguntas.

Apesar dos resultados positivos e de acreditar que o exercício é válido para a formação de estudantes de graduação – certamente, não apenas do curso de Psicologia, mas de todo curso ligado à área da Saúde e da Educação –, continuamente me interrogava sobre a validade e o alcance desta experiência. Decidi, por isso, voltar-me à experiência com mais afinco, aplicando-a a mais alunas e avaliando seus resultados. Um outro e principal fator que levou a dar prosseguimento à iniciativa foi a possibilidade que ele oferece de apreender dados importantes sobre a vida das jovens universitárias, seu modo de pensar e de encarar as questões ligadas à sexualidade. Além do mais, “dar voz à/ao aluna/o”, “deixar falar”, é primordial, pois em Educação Sexual é preciso partir sempre do que a/o aluna/o sabe e pensa sobre determinado tema, para que todo o aprendizado seja uma construção de conhecimento, no qual ele/a deve ter papel ativo.

Entre o conjunto de questões que nortearam esta pesquisa, destacam-se, para o propósito deste texto, as seguintes: Que tipo de Educação Sexual as estudantes universitárias, nascidas na década de 1980, receberam em sua infância e adolescência? Haveria sinais de educação repressora ou, pelo contrário, de educação positivamente construtiva? Um instrumento que conduz ao exercício de autorreflexão é suficiente para elucidar a educação recebida? E mais, um instrumento deste tipo pode contribuir para o processo de reeducação da pessoa? Que cuidados ou medidas são necessários para otimizar os benefícios deste método?

Atualmente, vários cursos de graduação, direta e indiretamente ligados à Saúde e à Educação, estão começando a reconhecer a necessidade de abordar o tema sexualidade com os estudantes. Mesmo que o façam, normalmente é possível contar com uma única disciplina, de carga horária nem sempre suficiente para dar conta de todas as temáticas envolvidas, como, por exemplo, autoerotismo, diversidade sexual (homossexualidade, etc.), gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS, sexo pré-conjugal, aborto, etc. Assim, um instrumento que conduza à autorreflexão, como o proposto nesta pesquisa, pode servir de ponto de partida e complementação da formação dos estudantes de graduação.

A necessidade de reeducação sexual para todos os profissionais envolvidos na

Educação Sexual, seja de crianças, jovens, adultos ou idosos, vem sendo defendida, há tempos, por pesquisadores. Acredito que pensar numa maneira de oportunizar e potencializar este processo pode significar um grande avanço neste campo de estudos. Além disto, embora se considere que a reeducação é um processo longo e que se dá no decorrer de toda a vida, não há, na produção acadêmico-científica sobre o tema, propostas práticas e viáveis de como dar início ao processo de maneira ágil e funcional.

Acredito que a importância deste estudo se justifique também pelo fato de que conhecer a vida de estudantes universitários pode revelar muitos conhecimentos em si mesmos valiosos, pois disse Foucault (apud MANSANO, 2003):

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida? (p.7).

Assim, os objetivos desta pesquisa constituíram-se em conhecer como foi o processo de Educação Sexual de estudantes universitárias, que nasceram na década de 1980, conhecer sua visão de sexualidade e analisar a viabilidade e a contribuição de um instrumento que se propõe a conduzir à autorreflexão como forma de preparar o futuro educador sexual³. Vale destacar que este estudo foi pensado para alunas do curso de Psicologia por ser esta a área de formação e de atuação do projeto de pesquisa que coordeno e espero que seus achados e reflexões sejam úteis para pensar a formação do educador em geral.

De forma complementar, pretendia, como objetivos específicos, identificar influências positivas e negativas, da família e da escola, na Educação Sexual das universitárias e identificar, também, o que pensam sobre nudez, masturbação, “ficar” e namorar, aborto, e sexo pré-conjugal e extra-conjugal. Sobretudo, conforme já foi dito, pretendia estudar a eficácia de um instrumento que pudesse ser um recurso auxiliar na formação, inicial ou continuada, de professores/educadores para a abordagem⁴ da educação sexual na escola das várias áreas ligadas à Educação e à Saúde e, finalmente, aprimorar um instrumento que já vem sendo utilizado e que conduz à autorreflexão sobre a sexualidade. Este artigo, pela parte que me

³ Como educador sexual, neste texto, referimo-nos ao psicólogo, médico, pedagogo, assistente social e demais profissionais da Saúde e da Educação e, incluímos, em especial, os professores dos vários níveis de Ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Universitário.

⁴ Em alguns pontos deste texto, nos referiremos à “formação de educadores sexuais” e em outros, como uma forma de variar nosso linguajar, faremos uso da seguinte especificação: “formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola”. Esta segunda alternativa é própria da pesquisa de Mestrado de Pinheiro da Silva (2004), em sua dissertação de mestrado, que consideramos muito original e apropriada.

concerne e à das co-autoras, limita-se a analisar os dados obtidos em relação a apenas este último objetivo.

A Educação Sexual e a importância do processo de autorreflexão

*Carregamos muito peso inútil. Largamos no caminho objetos
que poderiam ser preciosos e recolhemos inutilidades.
Corremos sem parar até aquele fim temido;
raramente nos sentamos para olhar em torno, avaliar o caminho,
e modificar ou manter nosso projeto pessoal.*
Lya Luft⁵

Sempre que tratamos da Educação Sexual, é necessário considerar a importância de um processo de reeducação sexual, tanto para os educandos quanto para os próprios adultos responsáveis pelo trabalho de educar. Trata-se, principalmente, da oportunidade de poder repensar os tabus, os mitos e os preconceitos que carregamos.

Os valores e sentimentos negativos sobre a sexualidade ficam impregnados na constituição de nossa subjetividade e, geralmente, é preciso muito esforço pessoal, pautado em reflexões e leituras para desfazer este vínculo. É um exercício de reeducação sexual frente à deseducação sexual a que estamos continuamente submetidos. Desta deseducação Bernardi (1985) trata com muita propriedade. Para ele, a Educação Sexual que se tem conseguido desenvolver nas escolas é falsa e moralista, dessexualiza os educandos e constrói “[...] uma imagem da sexualidade que suscita o desprezo e o desgosto para com a relação física” (p.17).

Vários estudiosos defendem que toda educação sexual implica uma reeducação sexual. Além do próprio Bernardi (1985), Guimarães (1989, 1995), Melo (2001, 2004), Nunes e Silva (2000), Ribeiro (1990), Vasconcelos (1994) e Werebe (1998), entre outros. Há diversas formas de se efetivar o processo de reeducação sexual, como leituras de livros que abordam direta ou indiretamente questões ligadas à sexualidade e às relações de gênero, conversa com bons pares, debate em grupo coordenado por um profissional hábil, participação em dinâmicas de grupo, ver e discutir um bom filme, etc. Enfim, todas as estratégias utilizadas como recurso para a Educação Sexual podem ser úteis, já que o aprendizado sobre a sexualidade nos conduz a um reaprendizado do que sabemos, do que pensamos e sentimos sobre o tema. Conduz-nos, enfim, a um repensar sobre nós mesmos.

⁵ Lya Luft (2003, p.27)

Pudemos encontrar em dois livros uma forma, em princípio mais simples e direta, de conduzir as pessoas à reavaliação do seu saber e dos seus sentimentos sobre o tema sexualidade. O primeiro, da médica Gilda Bacal Fucs (1987), intitulado “Por que o sexo é bom?”, traz um roteiro com 28 questões, envolvendo o relacionamento com os pais e irmãos, as informações recebidas, ou não, na infância e na adolescência, as experiências vividas até o momento presente, entre outros pontos. É um exercício que conduz à reflexão sobre os relacionamentos afetivos atuais e os conhecimentos relacionados à sexualidade. É uma obra escrita para o educador e/ou terapeuta, porém, o roteiro parece ser mais indicado para contexto terapêutico.

Um segundo livro, da psicóloga Lídia Rosenberg Aratangy (1998) - intitulado “Sexualidade: a difícil arte do encontro” -, escrito diretamente para o/a adolescente, também traz um roteiro com 19 questões, que conduz à autorreflexão, mais apropriado, portanto, para fins educacionais. Sua vantagem, em relação ao de Fucs, está no sentido de conduzir a pessoa a pensar no seu processo formativo/educacional, sem necessariamente conduzir para uma linha de raciocínio terapêutico, embora em vários pontos estes dois enfoques se sobreponham, mesmo sem o pretender.

Todos reconhecemos que, assim como a Educação Sexual é um processo longo e que dura a vida toda, a reeducação sexual também é um processo a que podemos estar continuamente abertos, ao longo da vida, não devendo restringir-se unicamente a momentos pontuais.

Considerando que os estudantes de graduação, das áreas ligadas à Educação e à Saúde⁶, precisam preparar-se para atuar na área da Educação Sexual, defendemos a necessidade de que vivenciem o processo de reeducação sexual, de um modo direto e planejado, para que estejam em condições de educar sexualmente crianças, jovens ou adultos, e em condições de formar professores para atuarem como educadores sexuais.

No trabalho junto a crianças e adolescentes, um dos propósitos fundamentais da educação é:

Auxiliar o menino e a menina no processo de formação de sua identidade masculina e feminina [...] Assim, o aluno, sua fala, sua história, sua pessoa será o ponto de partida e de chegada do trabalho a ser realizado. Dessa forma, os alunos estarão tendo condições de identificar sua maneira própria de pensar sobre questões relacionadas à sua vida (SUPLICY, 1998, p. 18).

⁶ Embora enfatizemos estas duas áreas, é interessante pontuar que, mesmo nos cursos pertinentes ao campo das Ciências Humanas, como Direito e Jornalismo, por exemplo, a formação em sexualidade é pertinente e válida.

Se trabalhar a história do aluno é um recurso indispensável, quem o educa e quem educa o educador, primeiramente, precisa considerar e trabalhar a sua própria história. Castro e Silva (1995) destacam, na conclusão de sua dissertação de mestrado, a importância do “lugar do falar” e do reportar-se às suas “histórias de vida” para professores que estão participando de um processo de formação de educadores sexuais.

Como complementação, é oportuna a ideia de que: “Se a educação só tem pleno sentido como educação para a autorreflexão, é preciso que os que educam possam experimentar os limites e as possibilidades dessa modalidade educativa na própria pele” (PATTO, 1995 apud FIGUEIRÓ, 2006, p. 88).

A mais recente pesquisa que traz elementos para aprofundarmos nossas reflexões sobre a importância de o educador pensar sobre a própria “história de vida” é a tese de doutorado desenvolvida por Melo (2001), na qual realizou entrevistas individuais de caráter fenomenológico com dez professoras ligadas ao curso de Pedagogia. Tinha como objetivo buscar “[...] a compreensão do significado que a professora dá à sua corporeidade, e ao fato dessa corporeidade trazer em si a dimensão inalienável da sexualidade” (p. 45).

A pesquisa, cujo principal referencial teórico foi Merleau-Ponty, oportunizou a cada uma das professoras entrevistadas repensar, durante a entrevista, a visão de sua corporeidade, que foi sendo construída ao longo da sua história de vida, desde o momento do nascimento, passando pela infância, pela adolescência e pelo período da formação profissional, até os dias atuais. A autora propõe que, no processo de formação inicial dos professores (e ela dá uma certa ênfase ao curso de Pedagogia, por ser sua área de formação e atuação), eles possam refletir, pensar a respeito de seu processo pessoal de significação e ressignificações da sua corporeidade ao longo de sua vida.

Repensar a própria “história de vida”, no entanto, é mais que um instrumento que pode ser utilizado no processo de formação de professores/educadores para atuação de educação sexual. “História de vida” é, também, considerada uma abordagem autobiográfica no campo científico. Dentre os autores considerados principais referências na questão indicamos Michäel Huberman, Ivor F. Goodson, Jennifer Dias, entre outros, que se têm voltado, em especial, para o estudo da vida dos professores. Nóvoa (1995), outro estudioso das “histórias de vida” de professores, afirma que o “sucesso das abordagens auto-biográficas no terreno da prática e do debate teórico tem sido enorme” (p. 19) e que uma das principais qualidades dessa abordagem consiste em sua multiplicidade de perspectivas e de estratégias. O autor vai mais longe, quando afirma que a utilização contemporânea dessas abordagens “é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de

uma renovação nos modos de conhecimentos científicos” (p. 18).

Quando se retoma a história da sexualidade, tão bem estudada e compreendida por Foucault (1988, 1985, 1990), não se pode deixar de ficar alerta para a questão de que a incitação aos discursos sobre o sexo, por meio de entrevistas, cartas, autobiografias e relatos de sonhos, fez nascer a Ciência Sexual, no século XIX, a qual, seguindo o modelo da “confissão” usado pela Igreja, acabou gerando um corpo de conhecimentos voltados para a classificação das disfunções e anomalias. Esta forma de estudar o sexo gerou e condicionou toda uma postura diante da sexualidade: a postura da medicalização do sexo – que identifica quais comportamentos sexuais são saudáveis e quais doentios, que requerem tratamento – , em contraposição com a “ars erotica” (arte erótica), cuja verdade sobre o sexo é extraída da experiência e da vivência do prazer, como aconteceu na China, Índia e Japão, no mesmo período (FIGUEIRÓ, 2001).

A questão está, portanto, além do método de investigação. Está no uso que se faz dos dados que se obtêm com o método. É neste ponto, ao usar “histórias de vida” com os propósitos delineados nesta pesquisa, que é muito oportuna a idéia de Naumi de Vasconcelos (1994) a respeito do *diálogo existencial do sexo*, como ela mesma denomina. Esta é sua reflexão:

Paralelamente ao diálogo entre as ciências, uma melhor compreensão do sexo também passa pelo diálogo existencial, ou seja, pela troca de nossas experiências no setor, observando, escutando as vivências sexuais do outro e colaborando com a nossa. Muitas vezes essa observação não serve a um propósito positivo, revelando apenas indiscrição mesquinha do comportamento alheio. É uma pena: perde-se uma oportunidade de aprender com o outro (p.12).

Assim prossegue a autora:

Desde sempre, os seres humanos construíram teorias sobre o assunto e é muito estimulante cotejar essa longa história com **cada história individual**. Certamente as histórias pessoais não têm de virar livros, manuais ou tratados, embora os mesmos incorporem pedaços de vida de ser humano. E cada pedaço de vida conta – seja para confirmar, negar ou transformar as teorias (p. 12).

A pesquisa: metodologia e resultados

*Um indivíduo reconhece-se na história
que conta a si próprio sobre si próprio*
Ricoeur, apud Nóvoa⁷

Inserida numa perspectiva sociocultural de compreensão da sexualidade e numa perspectiva emancipatória da educação sexual, a abordagem metodológica desta pesquisa é a qualitativa. Quanto à modalidade, há uma mescla do tipo exploratório com o tipo histórias de vida.

Como técnicas de coleta de dados, os instrumentos usados foram: redação e respostas, por escrito, a um roteiro de 22 questões (Apêndice A), dividido em três fases, o qual complementa a redação, pois serve para aprofundar a história da Educação Sexual das alunas, além de investigar sua visão atual sobre questões ligadas à sexualidade. As questões propostas seguiram o modelo elaborado e apresentado por Aratagy (1998) e o roteiro manteve o mesmo sugestivo título dado pela autora para seu livro: “A difícil arte do encontro”. No entanto, apenas cinco, das 22 questões, foram retiradas do modelo de Aratagy, sendo as demais elaboradas pela coordenadora da pesquisa. Como exemplo de questões que integram este novo roteiro, citam-se: “Você se lembra do que aprendeu com seus amigos ou amigas sobre sexo? Como se sentiu?”; “Quando ocorreu sua primeira menstruação, já esperava por isso? Como você reagiu?”; “Na sua infância, houve alguém com quem se sentia à vontade para perguntar e/ou conversar sobre assuntos ligados à sexualidade? Como se sentia?”

As participantes foram 34 estudantes do Curso de Psicologia da UEL, metade delas da segunda série e a outra metade, da quinta série. As alunas da segunda série foram selecionadas da seguinte forma: a pesquisadora foi até a sala de aula e discorreu sobre os objetivos e os passos metodológicos da pesquisa, bem como sobre a aprovação do Conselho de Ética⁸ para o trabalho. As que se interessaram deram seu nome, ou procuraram a pesquisadora num outro momento. Quanto às alunas da quinta série, havia um diferencial que as caracterizava: eram alunas regulares da coordenadora da pesquisa no Estágio de Psicologia Escolar. Sua inserção na pesquisa deu-se logo no início do Estágio, portanto, antes que começassem a estudar o tema da Educação Sexual.

⁷ Nóvoa, 1995, p. 24.

⁸ O projeto desta pesquisa teve aprovação do Conselho de Ética da UEL, segundo parecer CEP 041/04, de 12 de agosto de 2004.

Conforme aprovado pelo Conselho de Ética, como pré-condição da pesquisa, cada participante recebia um “Termo de Informação” no qual constavam os objetivos e todos os passos da pesquisa, bem como as medidas tomadas para assegurar o sigilo dos dados. Recebia, ainda, um “Termo de Consentimento” (de acordo com a Resolução 196/96 – CNS), que deveria ser assinado e entregue à coordenadora para arquivo. Como medida exigida pelo Comitê de Ética, no termo de informação constava o endereço da pesquisadora, incluindo telefone e e-mail, para caso de a participante desejar fazer contato com a pesquisadora durante a elaboração do exercício.

Para assegurar o sigilo dos dados obtidos, as participantes usavam um pseudônimo, nas várias atividades escritas. Todos os exercícios foram digitados e feitos na casa das alunas, ou em qualquer outro lugar que garantisse sua privacidade. O contato da professora e coordenadora da pesquisa com as participantes era feito individualmente, em horários previamente combinados. No primeiro encontro, a coordenadora estabeleceu um *rappor*t com cada uma delas, falou sobre o sigilo, deu esclarecimentos e agendou um horário para iniciarem os contatos. Após preencher uma ficha de identificação, onde registraria seu pseudônimo, a aluna recebeu orientações a respeito da redação sobre a história da Educação Sexual que deveria elaborar. No segundo encontro, ao recolher a cópia da redação, a coordenadora da pesquisa entregou o roteiro “A difícil arte do encontro” (Apêndice A). Ficava combinado que deveria responder apenas às questões pertinentes à primeira fase do exercício, que constava de nove questões. Quando viesse no encontro seguinte, entregaria suas respostas e se disporia a responder às próximas seis perguntas. E assim sucessivamente. Desta forma, aconteceram, em média, cinco encontros individuais entre a pesquisadora e cada participante e o espaço entre um encontro e outro foi de, aproximadamente, sete a dez dias.

Ao ler as respostas de cada fase, a coordenadora fazia comentários, escritos a lápis, que denotavam compreensão, sensibilização e mesmo empatia. Eram apontamentos que serviam para sinalizar respeito pelo que havia sido relatado e sinalizar que a fala (escrita) fora “ouvida”. Normalmente, ao entregar a nova fase de questões, oferecia a fase lida e com as anotações, aguardava que fosse lida no momento, e a recolhia em seguida. O mesmo foi feito com a redação: entregava-se as anotações para ler e as recolhia novamente.

Para o estudo das redações foi feito uso da análise de conteúdo, mais propriamente análise temática, com a qual foram identificados temas que davam origem a categorias. Este tipo de análise, segundo Bardin (*apud* TRIVIÑOS, 1987), compõe-se de três etapas: a pré-análise, que diz respeito à primeira leitura e organização do material; a descrição analítica, que envolve codificação, classificação e categorização dos dados; e a última, que é a

interpretação inferencial, na qual o pesquisador, além de refletir sobre os dados manifestos, aprofunda-a procurando desvendar os conteúdos latentes dos dados, ou seja, os conteúdos simbólicos contidos nas mensagens.

Para compreensão dos dados obtidos por meio do roteiro “A difícil arte do encontro”, foi feita uma análise quantitativa e qualitativa das respostas, questão por questão, reunindo e comparando as diversas respostas dadas por todas as integrantes. Uma vez que os estudos qualitativos são caracterizados também pela utilização de fontes variadas de dados, a pesquisadora esteve atenta para coletar dados paralelos que emergissem durante a aplicação do instrumento, como, por exemplo, comentários feitos pelas participantes, incluindo observações sobre o comportamento não-verbal que pudesse representar informações complementares.

A pesquisa contou com a colaboração de duas estagiárias da terceira série de Psicologia e, principalmente, com o trabalho, durante dois anos, de duas outras estagiárias de iniciação científica, também co-autoras deste texto, que atuaram no projeto durante a quarta e a quinta série do curso. As atividades principais das estagiárias consistiam em analisar as redações e as repostas ao roteiro escritas pelas participantes. Como todas elas frequentavam o mesmo curso que as participantes da pesquisa, não entraram em contato com elas, aliás, nem mesmo sabiam a que série pertenciam, para que fossem assegurados o sigilo e a liberdade de expressão. Todo o contato com as participantes sempre foi feito pela coordenadora da pesquisa.

Ao iniciarmos a apresentação e a discussão dos resultados, e tendo em vista o propósito central deste texto, vamos enfatizar os resultados obtidos com a última pergunta do roteiro: *Como foi para você responder a estas questões e que avaliação você faz deste exercício?* Como se vê, a pergunta foi feita de forma aberta, não determinando o aspecto a ser avaliado.

As respostas, espontâneas, informavam se o exercício havia sido ou não considerado importante, útil e válido para a pessoa, e também se havia sido agradável, ou não, e se havia sido difícil ou fácil fazer as atividades propostas.

Quanto a considerar o exercício importante ou não, constatou-se que 27 alunas das 34 alunas participantes da pesquisa (82%) disseram achar importante e válido para repensar sua história, assim como para autorreflexão e autoconhecimento. Nenhum apontamento foi feito no sentido de achar que o exercício não havia sido importante ou útil. Apenas uma aluna achou que o exercício teve pouco efeito para ela; mesmo assim, considerava-o um instrumento importante, embora o tivesse achado um pouco complicado, indicando que não

conseguia se sentir à vontade para expressar seus sentimentos e pensamentos. Quanto a considerar o exercício fácil ou difícil, 21 alunas (59%) afirmaram ter gostado de responder ao roteiro, algumas afirmando, inclusive, que havia sido tranquilo e agradável fazê-lo; no entanto, 7 alunas (21%) o acharam difícil, ou mesmo sofrido. Não responderam à última pergunta do roteiro 6 participantes (18%).

Começemos por ilustrar com algumas avaliações positivas feitas pelas participantes:

- Considero extremamente válido este tipo de exercício, uma vez que facilita a percepção que temos e que construímos sobre assuntos tão essenciais à vivência da sexualidade humana.

- Foi um exercício de auto conhecimento, principalmente quando me fez olhar para minha infância em assuntos que nunca havia pensado [...]. senti-me responsável para que seja diferente para outras pessoas.

[...] foi um instrumento importante para fazer minha auto-avaliação, um momento para refletir sobre minha educação sexual e sobre o porquê de ter as opiniões que tenho hoje. Rever minhas idéias.

- Eu adorei [...] achei interessantíssimo pensar sobre algo que todo mundo parece não querer falar sobre, que todo mundo prefere fingir que não existe; agora passei a ver com mais naturalidade este assunto, achei o máximo refletir comigo mesma todas essas questões. Muitas vezes foi difícil, tocou em pontos que antes preferia não pensar, mas agora me sinto aliviada, me sinto leve, sinto que conheço mais.

Uma das alunas ilustra, de maneira peculiar, o quão agradável pode ser, para algumas pessoas, escrever sobre si, a partir da “A difícil arte do encontro”. Assim escreveu esta aluna:

- Fui escrevendo de forma coloquial, sem me preocupar com a redação, pois caso contrário não conseguiria passar a situação para o papel, e gostei, foi como uma conversa, uma gostosa e aberta conversa.

Algumas falas podem ser destacadas, como se pode ver a seguir, por mostrar a importância do exercício para ressignificar experiências vividas, valores e preconceitos.

- Eu refleti sobre alguns conceitos e preconceitos que eu tenho e sobre como isso se deu na minha história.

- Achei muito bom responder a este questionário. Pude me revisitar, revisitar a minha história e me emocionar novamente com ela. Toda vez que vivemos algo que ficou para trás, temos a possibilidade de ressignificá-las e acho que tive oportunidade de ressignificar algumas coisas da minha história. [...]

Para clarear a idéia de que a sexualidade é uma dimensão que está sempre aberta a novas significações, podemos recorrer a Nunes (2003), que assim explicita:

[...] ela [a sexualidade] contém a intencionalidade, no sentido de consciência e de experiência de sentido, no sujeito humano. É portanto dimensão existencial, original e criativa em sua expressão e vivência. [...] A sexualidade, isto é, as qualidades, as formas e significações da atividade sexual são históricas, processuais e mutáveis. Isto significa que está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido (p. 17-18).

Complementar a este raciocínio é a afirmação do autor de que “[...] a escola (e aí, podemos incluir a Universidade) é o espaço também da crítica sobre a sexualidade estabelecida e o laboratório das novas significações e vivências” (NUNES, 2003, p. 17).

Entre as estudantes que participaram da pesquisa, há as que percebem a extensão da validade do exercício também para sua vida profissional, como ilustra a fala a seguir:

- “[...] Foi um momento bastante importante para minha vida, meu crescimento pessoal, inclusive profissional [...] foi uma oportunidade significativa, onde tive a possibilidade de parar e refletir sobre a questão da minha sexualidade, da educação sexual que recebi [...] pude também compreender e repensar algumas idéias e conceitos; rememorar acontecimentos [...] consegui entender aspectos da minha história que influenciaram e ainda influenciam meu modo de agir e comportar [...]”

A possibilidade de o exercício trazer à tona não apenas lembranças, não apenas dados que estão registrados na memória mas também emoções e sentimentos é ilustrada no depoimento desta aluna:

- Achei incrível perceber como alguns fatos tão antigos, quando lembrados, terem mobilizado sentimentos que pensei terem sido superados ou inexistentes. Isso me fez chorar, me deixou triste, mas também me deu oportunidade de estar vendo-os sob uma outra ótica que eu não tinha na época da vivência.

Mais dois exemplos que esclarecem a respeito da importância da expressão de sentimentos e do poder revivê-los. Podemos ver a seguir:

[...] depois de aberto, senti um enorme alívio dentro de mim, de poder estar compartilhando meus momentos íntimos, coisa que antigamente eu só contava para minhas melhores amigas e nunca foi dito uma palavra disso dentro de minha casa, e enquanto fui escrevendo e relatando meus segredos, pude senti-los todos novamente, principalmente os bons momentos e me emocionei demais.

- Acho que foi válido, pois me fez lembrar algumas situações importantes da minha vida, me emocionei em algumas, ri com outras, quis contar alguns casos, quis esquecer outros...

Um efeito diferente do que o envolvimento com o exercício pode trazer foi apontado por essa mesma aluna, ao dizer:

- Outra coisa que achei interessante, foi que passei a conversar mais com as pessoas sobre sexo; sexo passou a fazer parte da minha vida. Passei a contar minhas histórias para meu namorado e pedir que ele fizesse o mesmo e isso foi bastante divertido, rimos pra caramba e isso pra mim é uma evolução já que eu sempre fui muito ciumenta em relação ao passado dele, talvez por ter o meu passado tão mistificado. Sem dúvida, foi uma experiência bastante enriquecedora.

De maneira interessante, uma aluna ressalta um benefício do exercício que pode ser considerado abrangente:

Falar sobre sexualidade ajuda a resolver problemas pessoais e ela relacionados, além de torná-la cada vez menos um tabu. Resolver nossos próprios tabus nos liberta de pedras no caminho à auto-realização. [...]

Não estamos acostumados a conversar sobre o assunto, de forma natural, e por isto torna-se um tabu, ou melhor, continua a ser tratado como um tabu; falar sobre ele é necessário e tem efeitos importantes, pois, de acordo com Vasconcelos (1985, apud FIGUEIRÓ, 2009), “Falar sobre sexo é a melhor maneira de se vencer a culpa e a vergonha a ele associadas” (p. 168).

Também Vera Paiva (2000) aponta um benefício importante das conversas sobre sexo, ao mostrar, em sua pesquisa com jovens, que os que conversavam com os pais, na infância e na pré-adolescência, tinham mais facilidade para conversar com a namorada ou o namorado a respeito de sexo, assim como a respeito de prevenção; tinham mais facilidade para negociar o uso da camisinha.

Como já relatado anteriormente, 7 das 34 alunas (21%) acharam difícil ou, até mesmo, sofrido fazer os exercícios. Algumas disseram de sua dificuldade em escrever e até em pensar sobre o assunto. Vejamos três exemplos que ilustram essa dificuldade:

- É um exercício bastante difícil para algumas pessoas, mais do que para outras. Senti dificuldades em alguns pontos, pois não queria ter que pensar e escrever sobre o assunto, mas de forma geral foi bastante válido.

- Por um lado foi bom, pois me fez parar para pensar sobre minha sexualidade, sobre assuntos que não pensamos com frequência. Por outro lado, foi sofrido pensar em algumas frustrações que se tenta ao máximo esquecer.

- No início foi fácil e até agradável, mas conforme foi entrando em alguns aspectos específicos, foi ficando cada vez mais difícil [...]. No entanto, acho que foi muito proveitoso porque me fez parar para pensar na minha própria vida, nos meus próprios sentimentos.

O que chama a atenção nesta e noutras falas semelhantes é que, apesar de apontarem as dificuldades, os alunos fazem, ao mesmo tempo, referência à importância de fazer o

exercício. Vejamos mais um exemplo neste sentido:

- Em alguns momentos foi extremamente difícil [...]. Não são questões que possam ser respondidas em cinco minutos, ou com barulho [...] É necessário concentração, esforço e boa vontade para responder com seriedade e assim, valer a pena. [...]

Acho que foi de grande valia para pensar e repensar valores, juízos e história de vida. Pensar na própria história, analisá-la e assim, crescer.

Ao final de toda a escrita, há as que reconhecem o valor e o peso do texto que elaborara, como ilustram as últimas palavras desta fala:

- Responder a todas essas questões foi muito importante para mim porque tive espaço de rememorar coisas maravilhosas e outras não tão boas assim. Foi importante refletir sobre aquilo que muitas vezes passa batido [...] Achei o trabalho muito válido e espero que você guarde com carinho essas palavras porque elas, sem dúvida, são pedaços de minha vida.

Reforçando a idéia do peso e do valor que uma escrita desta natureza pode ter e pode ser sentida por quem escreve, é oportuno o que diz Caridade (1997):

Penso que há, em cada pessoa, um livro a ser escrito, uma obra a ser produzida, sobretudo, quando o tema em questão é a sexualidade. Neste sentido, seríamos todos potencialmente competentes para isso. Desde muito cedo fazemos descobertas, vivemos enamoramentos, intensas sensações, escrevemos poemas apaixonados, construímos uma bagagem de experiência amorosa que é singular, única, própria e inédita (p. 17).

A necessidade e a importância de repensar sua própria história aparecem em várias falas, porém, em algumas, o nível de percepção sobre esta importância transparece de maneira mais intensa e profunda, como nas duas a seguir:

- [...] Tive que tocar em assuntos que estavam guardados a sete chaves, mas eu tenho a plena consciência de que se eu não me abrir, como poderei orientar aos outros o que eu tenho de mal resolvido? [...] Como vamos trabalhar com adolescentes e com um tema tão delicado, deveríamos em primeiro lugar saber como estão nossos conhecimentos, tabus, e idéias sobre esse tema.

- “Acho que assim estou atingindo, principalmente, melhor conhecimento e consciência dos acontecimentos da minha vida para poder, assim, entender e perceber melhor as dificuldades de outras pessoas sobre o assunto.”

Em especial aos que se preparam para atuar junto a adolescentes, seja enquanto profissionais da área da Saúde ou da Educação, isto é fundamental e é o que esclarece Caridade (1997), ao dizer:

A lembrança de nossa própria adolescência, o que dela sobrevive em nós, humaniza e nos torna mais disponíveis, abertos e sensíveis à partilha da vivência adolescente atual. Lembrar de nossa adolescência é lembrar do que se revelou em nós ou do que nos impediram de ver, é lembrar do que descobrimos em nós mesmos, sobre o outro, o sexo, a vida e o amor (p. 49-50).

Este pensamento é completado, ainda, por outra afirmação assaz significativa, feita pela mesma autora, a saber: “[...] O que foi vivido por nós não serve de modelo para os adolescentes, mas representa nosso chão, dá abertura e sensibilidade para vermos com ternura existencial as suas vivências (dos adolescentes)” (p. 50).

Em um trabalho de formação de educadores sexuais a distância, desenvolvido na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Florianópolis, encontramos semelhante valoração da experiência de rememoração da adolescência no material organizado para estudo independente, via Educação a Distância. Trata-se de uma atividade a ser feita, por escrito, pelo aluno/professor logo no início de seus estudos sobre a sexualidade. É este o enunciado do exercício:

Já diz uma valsa antiga, de Nabor Pires Camargo, que ‘Recordar é viver’. Agora tente relembrar a sua adolescência e ver quais pontos foram mais marcantes e por quê. A partir disso, registre, também, um pouco do que VOCÊ pensa sobre essa fase hoje (FREITAS et al., 2004, p. 20).

Com relação à necessidade de o educador repensar e “revisitar” sua adolescência, pode ser encontrado apoio teórico também neste apontamento feito por Outeiral (2003):

Podemos dizer, “brincando”, que, se ser adolescente é “difícil”, ser um adulto em contato com ele é duplamente “difícil”: primeiro porque temos que lidar com o adolescente “de fora”, externo, real, e depois – *last but no least* – com o adolescente “de dentro”. Novamente, enfatizamos a importância de que o adulto que está em contato com o adolescente (pais, professores, etc.) tenha uma “visão binocular”, de dentro e de fora, do adolescente real e de nossas “memórias adolescentes”, carregadas ainda de impulsos, fantasias, desejos, emoções etc., não como algo indesejável, mas como demonstração de vida (p. 35).

Um outro ponto merece agora ser analisado. Trata-se da questão da variação de uma característica importante entre os dois grupos de alunas que participaram da pesquisa. Como já foi assinalado anteriormente, um dos grupos era composto por alunas da 5ª série de Psicologia, dentro do horário regular de Estágio em Psicologia Escolar, do qual a coordenadora da pesquisa era a docente responsável; o outro, se compunha de alunas da 2ª série, voluntárias, cujos encontros com a coordenadora aconteciam em horário extra-aula, uma vez que esta não era docente da turma. Neste segundo grupo, houve desistências no

decorrer da pesquisa. O rendimento do primeiro grupo foi melhor, pois, além de não ter havido desistências, tanto a qualidade, quanto a extensão da redação superaram a do grupo de voluntárias. Desta forma, a aplicação em duas situações diferentes possibilitou a seguinte conclusão: a de que é importante assegurar algumas condições básicas para a aplicação dos exercícios de autorreflexão sobre a sexualidade, propostos nesta pesquisa. A primeira delas é que a aplicação se dê num espaço curricular definido, como, por exemplo, dentro de uma disciplina específica, cujos conteúdos estejam direta ou indiretamente relacionados com a temática sexualidade. A segunda, é a de que o professor que vai aplicá-los seja o docente responsável pela turma e tenha com ela um vínculo estabelecido. Mesmo que haja interesse e boa vontade em participar, os alunos na condição voluntária, cujo encontro com o professor que coordena a realização dos exercícios não seja fixo e continuado, podem sentir-se um tanto inseguros.

Acreditamos que isto responde, em grande parte, à questão proposta no início da pesquisa, qual seja: Que cuidados ou medidas são necessários para otimizar os benefícios do instrumento de autorreflexão criado neste estudo?

Além dos dados apontados pelas respostas ao roteiro, ficou claro que as alunas do curso de Psicologia, em sua formação, não vinham tendo oportunidades de repensar seus valores e sentimentos em relação à sexualidade, nem mesmo vinham estudando temas específicos que as preparasse para atuar no campo da Educação Sexual. A partir desta constatação, no último ano do Projeto, decidimos introduzir uma nova forma de investigação e elaboramos um instrumento que foi aplicado junto a estudantes de ambos os sexos, de cursos variados, sendo eles: Pedagogia, Serviço Social, Educação Física, Biologia, História e Ciências Sociais, com o objetivo de verificar como isto se dava nos demais cursos.

O instrumento foi aplicado a 245 participantes, com idades variáveis entre 20 e 55 anos, dos quais 167 do sexo feminino e 78 do sexo masculino. O questionário continha 13 questões objetivas, 7 das quais solicitavam comentários a respeito. Um dos resultados encontrados foi que 83% dos participantes afirmaram não ter tido disciplinas sobre sexualidade em seu curso, contra 17% que disseram ter tido alguma disciplina que tratou do tema, embora a disciplina não fosse exclusivamente voltada à temática. Quanto às disciplinas sobre Educação Sexual, 88% não tiveram, enquanto 12% afirmaram ter tido. Entretanto, 86,5% dos participantes consideraram importante aprender em seu curso sobre educação sexual e/ou sexualidade.

Este questionário, assim como o roteiro “A Difícil Arte do Encontro” (Apêndice A), aplicado exclusivamente às alunas da Psicologia, investigava várias questões, como, por

exemplo, a opinião dos alunos a respeito do aborto, do ficar, da homossexualidade, entre outras. Devido ao propósito deste artigo, os resultados oriundos desta investigação não serão aqui explorados. O que se pode apontar, de modo geral, a partir da análise dos dados, é que, ao longo de seu processo formativo, seja na família, no Ensino Fundamental ou Médio, a maioria dos estudantes universitários não conseguiu se reeducar sexualmente a ponto de amadurecer seu posicionamento pessoal sobre questões polêmicas relacionadas à sexualidade. Assim como chega à universidade sai dela, muitas vezes sem a oportunidade de crescer neste sentido.

Benites (2007) investigou também, em uma dissertação de mestrado, se o estudo da Educação Sexual e de temas pertinentes a ela se fazia presente no curso de Pedagogia da Universidade Regional de Blumenau/ FURB, de Santa Catarina, e verificou que no ano de 2005 um curso assim, porém “[...] informalmente, ou seja, sem planejamento, sem espaço e tempo para aprofundamento [...]”.

É válido ressaltar que a universidade não pode limitar-se à formação técnica de seus alunos e futuros profissionais. Deve cuidar também de seu desenvolvimento pessoal e de sua formação crítica, voltando seu olhar para temas relativos à sexualidade e à vida afetivo-sexual, entre outros (FIGUEIRÓ, 2006).

As consequências da falta de oportunidade de estudar temas relativos à sexualidade podem ser desastrosas, em muitos casos, principalmente se considerarmos que muitos profissionais sairão da universidade e irão interferir, direta ou indiretamente, na educação de crianças, jovens e adultos. Podemos compreender mais detidamente o efeito desta lacuna ao conhecer o trabalho desenvolvido por Farias (2007), que, em sua dissertação de mestrado procurou investigar a concepção de psicólogos judiciários a respeito da adoção por casais homossexuais. Entrevistando onze desses profissionais do estado de São Paulo, constatou “[...] imprecisão na sua atuação profissional, quando se trata de processos de adoção por homossexuais, revelando contradições, estereótipos e vieses pessoais diante desta temática” (p. 6).

A autora afirma que os entrevistados “[...] em geral, carecem de informações científicas sobre o assunto” (p. 189), ou seja, sobre o tema diversidade sexual. Aponta, ainda que “Em todo discurso (dos entrevistados) há evidência de uma concepção normativa da heterossexualidade social, isto é, conceitos de família e casal em que se considera apenas homem e mulher (p. 189). Identificou lacunas nas concepções dos psicólogos entrevistados a respeito de várias outras temáticas que têm relação direta ou indireta com temas ligados à sexualidade, a saber: papéis parentais, maternidade/paternidade e relações de gênero. Nas

últimas linhas de seu trabalho, Farias (2007) faz o seguinte apontamento crítico: “A formação na Psicologia parece não enfatizar o tema da sexualidade e da homossexualidade [...] (p. 190).

Discutimos, até o momento, a respeito da necessidade de se oportunizar a reeducação sexual aos estudantes das áreas da Educação e da Saúde, em sua formação inicial, ou seja, nos cursos de graduação. Sem sombra de dúvida, isto também é válido durante a formação continuada destes profissionais. Assim é que, na Universidade Estadual de Londrina, já temos posto em prática o uso da redação como instrumento de reeducação sexual dos profissionais⁹ que participam do Grupo de Estudos sobre Educação Sexual (GEES), um trabalho de extensão universitária. Já no primeiro encontro designamos como tarefa que trouxessem por escrito, para o encontro seguinte, como havia sido sua Educação Sexual, desde a infância, com ênfase na adolescência, clareando o papel de sua família e da escola onde houvessem estudado.

Esclarecia-se aos membros do GEES que entregariam a redação aos coordenadores (dois estagiários do quinto ano de Psicologia), registrando apenas as iniciais, idade, sexo e religião, pois somente interessava a eles (estagiários) conhecer a respeito da história da educação sexual de cada integrante de seu grupo. Reavaliando isto, neste momento, acreditamos ser melhor indicar que se faça a redação e que ela seja trazida, no dia do encontro, ficando com ela em mãos (até para que os coordenadores verifiquem que trabalho foi feito), enquanto contam um pouco de sua história para o grupo, destacando os pontos que quiserem destacar. Pode-se discutir com o grupo todo o que acham da idéia de entregar a redação para ser lida, posteriormente, pelos coordenadores. Se o grupo aprovar, os textos são recolhidos, admitida, porém, a possibilidade de que alguns, se não o quiserem, não entreguem.

Costumamos, no momento de solicitar que façam a redação, dar oralmente exemplos sobre quais questões, ideias ou fatos que seria interessante abordar, de forma a enriquecer as lembranças e, assim, tornar mais produtivo o próprio exercício. Acontece, contudo, que, comumente, várias redações vêm sucintas e, no encontro em que se faz um debate aberto a respeito da história de cada um, é bastante frequente ouvir falas deste tipo: “ah, eu podia ter escrito sobre isto também”; “ah, aconteceu comigo, também”; “Eu não lembrei de falar a respeito disto”, e assim sucessivamente.

Em função disto é que aprimoramos e criamos um pequeno texto que orienta como

⁹ Os profissionais que participam do GEES são professores de várias áreas e de todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil, até o Ensino Superior, assistentes sociais, pedagogos, psicólogos, enfermeiros e demais profissionais da Saúde.

elaborar a redação – na verdade, evitamos usar este termo, pois ele parece assustar alguns que têm “traumas de redação”. Ele é digitado e entregue a cada participante. Com a preocupação de deixar claros os objetivos e o sentido da atividade, inicia-se a instrução da seguinte forma:

Solicitamos que escreva um texto com o título: **“Como foi a minha Educação Sexual”**. Pode digitar, ou entregar manuscrito; como preferir. Pode ser um texto de uma página, duas, três ou mais, se desejar. Para nós, estudiosos da Educação Sexual, um exercício desta natureza serve ao propósito do auto-conhecimento, da reflexão sobre o processo pessoal de construção de sentimentos, atitudes e emoções ligados à sexualidade, o que, acreditamos, é um importante passo para a superação dos sentimentos e das atitudes negativas. Pedimos que coloque, abaixo do título: suas iniciais (se concordar), sua idade, sexo, estado civil, religião, formação e profissão.

Na seqüência, são apresentadas algumas diretrizes facilitadoras:

Tente escrever tudo que lembrar, desde que era criança, até os dias de hoje, como foi que aprendeu as questões relacionadas ao sexo, ao corpo, à diferença física entre homem e mulher, e como nascem os bebês.... Quando foi, e como aprendeu sobre a existência da relação sexual; como se sentiu, então. Tente reportar-se às suas lembranças de conversas com sua mãe, com seu pai, amigas, amigos, avós, professores etc. Relate fatos relacionados ao seu aprendizado sobre o sexo, ocorridos em sua vida cotidiana, que vivenciou ou que observou, procurando informar qual era idade provável que tinha e como se sentiu, na ocasião.

Depois, de forma a complementar as orientações, o texto assim continua e se encerra:

É um texto livre, de autorreflexão que poderia não seguir, necessariamente, um roteiro. No entanto, para lhe facilitar, delineamos algumas outras questões: - Você se lembra de ter recebido informações estranhas, ou confusas? De quem? Como foi? Como se sentiu? - Você se lembra de alguma pergunta que gostaria de ter feito e não fez? Qual era? Como se sentiu? - Na sua infância, houve alguém com quem se sentia à vontade para perguntar e/ou conversar sobre assuntos ligados à sexualidade? Como se sentia? - E na adolescência? – Na escola, você teve algum/a professor/a que foi um bom/boa educador/a sexual, para você? - Quando ocorreu sua primeira menstruação (ou no caso masculino, sua primeira ejaculação), você já esperava por isso? Como você reagiu? E o namoro (e/ou casamento) o que significou, ou significa, em sua vida?

Ao finalizar seu texto, se desejar, escreva como foi para você, realizar este exercício.

Voltando a discutir os resultados da pesquisa aplicada junto às 34 estudantes do curso de Psicologia, no que diz respeito às quatro alunas do curso de Psicologia que trabalharam nesta pesquisa como aprendizes em iniciação científica (sendo duas delas co-autoras deste artigo), vale a pena considerarmos que implicações trouxe, do ponto de vista da Educação Sexual, para sua formação profissional a participação nesta pesquisa, uma vez que trabalharam na análise das redações e das respostas à “Difícil Arte do Encontro”. Após ler o conjunto das redações, todas elas fizeram uma avaliação por escrito sobre o que isto

significou para elas. As quatro foram unânimes em destacar a grande contribuição que a experiência lhes trouxe. Segue a transcrição do parecer de duas delas:

- “Foi muito bom ter “partilhado” tais histórias, e ver que as mesmas dúvidas, conflitos, angústias, são comuns a tantas meninas de minha idade. Isso, de alguma forma me alivia. Identifiquei-me com muitas histórias, sofri, me angustiei, me alegrei junto com cada uma delas; fui tocada em pontos da minha própria história, refleti muitas coisas acerca da mesma. Pois é, dizem que diante da angústia do outro somos tocados na nossa própria angústia; isso me pareceu tão real!”

- “Ler as histórias sobre educação sexual na vida de outras pessoas nos faz pensar em muitas coisas de nossa própria educação. Isso nos possibilita questionar e repensar muitas coisas que ainda estão a influenciar a nossa vida sexual. A verdade é que é muito bom poder se identificar com as histórias de vida de algumas delas, questionar algumas outras, podendo nos colocar no lugar de algumas pessoas e até sentir raiva de algumas situações e se comover com outras, de forma alegre ou triste. Eu pude perceber que estas redações me ajudaram a ampliar de forma considerável as lembranças, sentimentos, questionamentos em relação à minha educação sexual [...]”

Conclusão

O trabalho de formação de professores/educadores para atuação em educação sexual exige um contínuo envolvimento pessoal no processo de reeducação sexual. Assim sendo, acreditamos que os exercícios aqui propostos e discutidos (a escrita da redação e as respostas à “Difícil Arte do Encontro”) podem favorecer a autorreflexão, pano de fundo da reeducação sexual, percurso indispensável. Assim, acabamos por propor um instrumento que pode ser usado nos cursos de graduação, das várias áreas profissionais, para agilizar o processo de formação de educadores sexuais.

É possível que a participação no exercício contribua para que as pessoas envolvidas reconheçam quando há a necessidade de uma busca terapêutica para trabalhar as questões que mais fortemente as tocam. Acreditamos nesta possibilidade, devido à experiência, já vivenciada, com uma aluna do curso de Psicologia, que, após ter participado dessas reflexões sobre a sua “história de vida”, conseguiu falar sobre sua sexualidade na terapia que já estava em andamento havia aproximadamente um ano e meio e na qual não se haviam abordado questões ligadas ao corpo e ao sexo. Jamais sua terapeuta lhe havia perguntado, por exemplo: “Como vai sua vida sexual? Gostaria de falar sobre ela?” E, diga-se de passagem, a aluna tinha sérias dificuldades para encarar a sexualidade com naturalidade, pois sua mãe apresentava comportamentos extremamente repressores, proibindo-a, por exemplo, de ver novelas e filmes que tivessem alguma dose de erotismo.

É possível afirmar que os dados obtidos com as “histórias de vida”, por meio de exercícios como os aqui propostos, trazem enriquecimento aos “diálogos existenciais do sexo”, de que fala Vasconcelos (1994). Mais que isso ainda, o aproximar-se da Educação Sexual vivida por cada pessoa pode nos possibilitar enriquecer, complementar a história da Educação Sexual que, muito além de se fazer na história e na cultura de um grupo ou mais grupos de pessoas e por meio das instituições, constrói-se na da vida de cada um, particularmente.

SEXUAL RE-EDUCATION: an indispensable route in educator's education

Abstract

Most of the university students start university without having had the chance to look inside themselves and re-think their values, attitudes and life history. This research aims at knowing the history of Sexual Education and the view of female university students in relation to sexuality as a way of re-evaluating a group of self-reflection exercises which have been used during the School Psychology internship. It is a qualitative research based on the “life story” research method. The research and self-reflection exercises have two steps: in the first one, the students write a composition, without identification, entitled “How your sexual education happened”. In the second step, they answer a questionnaire (22 questions) divided in three phases, which aim at deepening the reflection. 36 UEL (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brazil) psychology students participated in the research. The composition and the questionnaire analysis showed that, besides having had their adolescence in the 1980s, a decade marked by its “sexual liberation”, their view on sexuality built throughout their life history is, most of the time, marked by the absence of a positive sexual education, both at home and at school. Taking part in the self-reflection exercises about sexuality, following its various steps, has been seen, according to all the participants, as a reasonably difficult activity to be accomplished, however very meaningful for their personal formation. The results proved what has been defended by researchers as Marcelo Bernardi and Isaura Guimarães, regarding the need for people to re-think their values, feelings and attitudes concerning sexuality, so that they can act in a positive and humanizing way in the sexual education area. Such need for self sexual re-education is certainly even more important when related to professionals in the Education and Health areas such as Psychology, Pedagogy, Nursing, Medicine and Services.

Keywords: Sexual education. Sexuality. Teachers' education. Life story.

Referências

ARATANGY, Lídia Rosenberg. **Sexualidade**: a difícil arte do encontro. São Paulo: Ática, 1998.

BENITES, Maria José de Oliveira. Educação Sexual e formação docente. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA, 2007. Recife: SBRASH, 2007. p. 27.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. Tradução por Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1985.

CARIDADE, Amparo. **Sexualidade: corpo e metáfora**. São Paulo: Iglu, 1997.

CASTRO E SILVA, Ricardo de. **A orientação sexual vivida por educadores e alunos: possibilidade de mudanças**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FARIAS, Mariana de Oliveira. **Adoção por homossexuais: concepções de psicólogos judiciários**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual de Bauru, Bauru, SP.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2001.

_____. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

_____. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1: A vontade de saber.

_____. **História da sexualidade**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990. v. 2: O uso dos prazeres.

_____. **História da sexualidade**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 3: O cuidado de si.

FREIRE, Paulo. Memória: Paulo Freire. **Teoria & Debate**, n. 17, jan. / mar. 1992. Entrevista concedida a Mario Sérgio Cortella e Paulo de Tarso Venceslau. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br/td17/td17-memoria.htm>. Acesso em: 5 dez. 2000.

FREITAS, Dilma L. de et al. **Educação e sexualidade: conversando sobre a sexualidade adolescente**. 2. ed. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2004. Cadernos de Estudos Independentes.

FUCS, Gilda Bacal. **Por que o sexo é bom: orientação sexual para todas as idades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Ilusão e realidade do sexo na escola: um estudo das possibilidades da educação sexual**. 1989. Tese (Doutorado em Educação/ Metodologia de ensino) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LUFT, Lya. **Perdas & Ganhos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Vida e profissão: cartografando trajetórias.** São Paulo: Summus, 2003.

MELO, Sonia Maria Martins de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em profissionais.** 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. (Coleção: Dimensões da sexualidade).

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (Org.). **Vidas de professores.** Porto Codex, Portugal. Porto, 1995, p. 11-30.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade.** 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

PAIVA, Vera. **Fazendo arte com camisinha: sexualidades jovens em tempo de Aids.** São Paulo: Summus, 2000.

PERES, Camila Alves et al. **Fala educadora! Educador!** São Paulo: Laboratório Organon, 2000.

PINHEIRO DA SILVA, Regina Célia. **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: EPU, 1990.

SUPLICY, Marta. (Sup.). **Sexo para adolescentes: orientação para educadores.** São Paulo: FTD, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Naumi de. **Sexo: questão de método.** São Paulo: Moderna, 1994.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação.** Campinas: Autores Associados, 1998.

APÊNDICE A

A Difícil Arte do Encontro

Mary Neide Damico Figueiró^{*}**

Seguem algumas questões para você ter momentos de reflexão sobre a sexualidade. O objetivo é oportunizar que você:

- reflita sobre como foi sua Educação Sexual;
- identifique elementos de sua educação sexual que possam ter influências positivas e/ou negativas em suas atitudes em relação à sexualidade;
- identifique como tem se dado, em sua história familiar (escolar, religiosa...), a transmissão de valores e normas sexuais;
- reflita sobre seus sentimentos atuais (assim como sobre os sentimentos já superados) em relação à sexualidade.

As respostas serão por escrito e você deverá escolher um pseudônimo, para que sua identidade seja preservada. Você tem todo o direito de não responder às perguntas que não desejar ou não se sentir à vontade em fazê-lo. Todo o sigilo em relação às questões deverá ser mantido e, caso autorize, estes dados, juntamente com de outras estudantes universitárias, poderão ser utilizados em uma pesquisa. Sugiro que digite as respostas juntamente com cada questão, para facilitar a leitura e também para que possa ter a sua própria cópia.

Em determinados relatos, sempre que tiver condições de fornecer dados completos significativos, para a compreensão ampla e completa, que o faça. Por exemplo: informações sobre a idade que tinha na ocasião do ocorrido, quais as pessoas envolvidas, reação das pessoas à volta, sua reação etc. Devo esclarecer que algumas questões do roteiro você pode achar que já as abordou em sua história; mesmo assim, peço que as responda, pois elas têm a intenção de favorecer um aprofundamento da reflexão.

Aproveitando a forma que Lídia Rosemberg Aratangy¹⁰ (1998) usa para sugerir, provocar, a autorreflexão a partir de um roteiro, assim dou início ao desencadeamento da

^{***} Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista. Coordenadora desta pesquisa e docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina.

¹⁰ ARATANGY, Lídia Rosenberg. **Sexualidade: a difícil arte do encontro**. São Paulo: Ática, 1998.

“Difícil arte do encontro” (como define a própria autora):

Vou sugerir algumas questões a respeito de experiências e lembranças relacionadas com a sexualidade. Tente olhar para dentro e procure identificar como essas indagações ressoam em você [...]. Não importa quanto você sente que está perto ou longe dessas situações. Não importa se, para você, elas estão no passado, no presente ou futuro. Procure apenas se transportar para as situações imaginadas – e deixe-se levar pelos caminhos que sua fantasia sugerir. (p.16)

Fase I

1. Você se lembra das explicações que lhe deram sobre como se forma o bebê e sobre o nascimento? *Como se sentiu?*

2. *¹¹ Você se lembra do que aprendeu com seus amigos ou amigas sobre sexo? *Como se sentiu?*

3. *Você se lembra de ter recebido informações estranhas, ou confusas? De quem? *Como foi? Como se sentiu?*

4. *Você se lembra de alguma pergunta que gostaria de ter feito e não fez?* *Qual era? Como se sentiu?*

5. Na sua infância, houve alguém com quem se sentia à vontade para perguntar e/ou conversar sobre assuntos ligados à sexualidade? *Como se sentia?*

6. E na adolescência?

7. *Quando ocorreu sua primeira menstruação, você já esperava por isso? Como você reagiu?

8. Pense na nudez. Que sentimentos ela lhe mobiliza?

9. Pensar na nudez masculina e feminina lhe mobiliza sentimentos ou reações diferentes? O que acha disto?

Fase II

10. *Você se masturbava quando criança? E quando adolescente? Como se sentia?

11. Quando ocorreu seu primeiro namoro? Como foi a experiência? Como a avalia hoje? Teve outros namoros, na seqüência, que foram significativos?

12. Você “ficou”? Fale sobre esta experiência; o que ela significou para você? Se não

¹¹ O uso do asterisco sinaliza as questões que aproveitei ou adaptei do roteiro de Aratangy (1998).

ficou, porque não o fez?

13. Você já teve relação sexual? Se teve, quando aconteceu sua primeira relação? Que lembranças você guarda dela? O que isso significou em sua vida? Acha que ela aconteceu num momento bom para você? Que fator (ou fatores) você acha que determinou sua decisão de iniciar-se sexualmente?

14. Se não iniciou-se sexualmente, que fatores pessoais, ou externos, acredita que tenham sido influentes neste ponto?

15 – Qual é a lembrança mais remota da sensação de amor, paixão, prazer e excitação que o seu corpo lhe proporcionou? Foi tranquila? [Esta questão foi retirada do livro: Fala Educadora! Educador! (PERES et al., 2000)]

Fase III

16. Sua orientação sexual é hetero, homo ou bissexual? Como foi para você, o processo de elaboração da identidade sexual? Foi simples ou difícil? Tem lembrança desse processo (ou seja: lembra quando sentiu atração por pessoas do mesmo sexo, ou do sexo oposto?)

17. Você já teve ou tem sentimento homossexual? O que você pensa da homossexualidade?

18. Quando tomou conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis? Como foi este aprendizado? (Onde, com quem, de que forma...?) O que ele significou para você?

19. Cite acontecimentos que você considera significativos na história de sua Educação Sexual, tenha ela ocorrido em casa ou na escola. O que significou para você na ocasião? Como vê isso hoje?

20. Escreva o que você pensa hoje sobre: masturbação, “ficar”, aborto, sexo pré-conjugal, sexo extra-conjugal. Escreva cada um separadamente.

21. Como foi para você, responder a estas questões? Que avaliação você faz deste exercício?

22. Após responder a todas as questões, escolha o que você gostaria de fazer:

- conversar, particularmente, com a professora coordenadora da pesquisa;
- participar de um encontro entre as várias participantes, coordenado pela professora-pesquisadora, onde pudesse haver um bate-papo sobre a história de cada uma (sem entrar em questões específicas);
- continuar as reflexões consigo própria.